

EDITORIAL

O artigo de atualização apresentado nesta edição, “Epidemiologia e biomarcadores em câncer de cabeça e pescoço”, trata de assunto crucial na área da genética nas últimas décadas. Primeiro, porque aborda a epidemiologia de um grupo de neoplasias mais prevalentes e com alta taxa de mortalidade mundialmente e, segundo, destaca a associação de algumas alterações genéticas que podem auxiliar na detecção precoce e no prognóstico do câncer de cabeça e pescoço. O papel esperado dos biomarcadores é justamente a sua capacidade em fornecer uma indicação precoce de risco para desenvolvimento ou progressão da doença, podendo também auxiliar na diferenciação entre os estágios, o risco de recorrência e as estratégias de tratamento. Os biomarcadores são tradicionalmente classificados em marcadores de exposição, de doença e de suscetibilidade, sendo os dois últimos tipos, abordados no artigo em questão. Os biomarcadores, para que tenham aplicabilidade abrangente, devem atender alguns critérios como a fácil detecção, que tem sido permitida pelos avanços tecnológicos com o desenvolvimento de biomarcadores não invasivos, sensíveis e específicos. Sendo mensuráveis na população, para identificação de indivíduos de alto risco devem ser submetidos à validação rigorosa.

O artigo elaborado por Goloni-Bertollo e colaboradores, traz uma contribuição significativa para os profissionais da área de saúde, abordando as principais alterações moleculares e os mecanismos genéticos envolvidos na carcinogênese de cabeça e pescoço. Destacam-se, principalmente, aqueles genes relacionados com o prognóstico mais grave da doença, portanto, indicados, como marcadores moleculares de progressão tumoral, metástases, invasividade, risco de recorrência e sobrevida reduzida. Também, com participação expressiva no processo carcinogênico, foram ressaltados os

marcadores de suscetibilidade ao câncer como alguns polimorfismos em enzimas que participam do processo de detoxificação de xenobióticos, como, por exemplo, as da família das glutatona-S-transferases (GSTs). Estas enzimas exercem papel relevante, na carcinogênese, associado com fatores ambientais como o fumo e o álcool, dois fatores de risco para diferentes tipos de neoplasias, inclusive o câncer de cabeça e pescoço.

Os biomarcadores, quando utilizados e interpretados com o devido rigor, poderão fornecer informações valiosas que serão revertidas para o seguimento e possível tratamento dos pacientes com câncer. A utilização prática de biomarcadores para o tratamento de câncer, tem dois exemplos clássicos. O primeiro consiste na detecção do rearranjo entre os genes *ABL/BCR*, utilizado como marcador da leucemia mielóide crônica, cujos pacientes são tratados com sucesso por meio de terapia molecular com a droga Gleevec (Imatinib). O segundo exemplo deve-se à associação de aumento de expressão do receptor transmembrana de fator de crescimento c-erbB-2 (Her-2/neu) em cerca de 30% das pacientes com câncer de mama metastático, as quais são beneficiadas pelo tratamento com o anticorpo monoclonal humanizado Herceptin (Trastuzumab). Além desses, outros exemplos da aplicabilidade de marcadores moleculares específicos na terapia molecular do câncer, vem sendo acrescentados na literatura.

Profa. Dra. Ana Elizabete Silva

Editor Associado

Professora Adjunta do Departamento de Biologia, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, Campus de São José do Rio Preto, SP.